

POESIA

Eu conheço a poesia pelo cheiro.
Ela pousava em cada coisa que fazias
Nas sombras da tua cama de ferro
Ela pousava e não se via.
Nas flores que ainda não te ofereciam
Ela pousava, delicada como uma menina.
Em tudo ela dormia.
Lua que brilhava de dia,
Por isso ninguém a via.

ANÚNCIO

A expectativa de me fugir um breve instante de respiração. Surpreender-me num ritmo acelerado de corrida de bicicletas perante um coração fraco. Varrer-me o vento na sua simplicidade de falta de palavras. A expectativa desse mesmo instante. O deserto quase-azul escuro dos teus olhos semicerrados. Essa estrada que me espera durante as próximas horas de existência com as canções de um cristalino zumbir de abelhas ao vento. A crina de um incidente. A tua presença absoluta num espaço contíguo. A saída de emergência de uma distância inesgotada diante de uma pedra esculpida com a precisão de segundos de erosão, imensamente terna e dolorosa. O equilíbrio de um corpo numa mente à beira da loucura de ti. Saber os teus dois nomes com a destreza de uma agulha a ferir um braço gentil. O poema, o último de todos, dentro desse sangue adocicado de tardes de abril. O reencontro dos teus lábios de pássaros verdes. E estas imagens, sobre, sob a retina de um quotidiano laboriosamente impensado sobre a tua ausência presente ou um carrossel de pó a anunciar a nossa chegada.

ARCIMBOLDO

Estendemos as flores até ao último possível. São apenas flores. Mas damos-lhes outros nomes e então aí sabemos guardá-las nos olhos e falar sobre elas, como quando falamos de nós. Lembro-me das nossas viagens. Arrumámos as malas do nosso desconforto e seguimos. Os nossos corações sofreram um desastre de automóvel dentro de um quadro neo-cubista. Os nossos pedaços, apenas riscos. A partir daí não tivemos tempo para os todos orgânicos a que nos propusemos ser. Eu, por exemplo, sou um composto de peixes pensativos. Menos uma figura compósita de Arcimboldo, mais uma desmesura de mim mesma. Quem anda debaixo de chuva à espera que a chuva cesse. A minha compreensão é prometeres-me cinquenta girassóis, mesmo que te seja impossível. A minha compreensão é aceitar-te ainda jovem, sem tempo para a morte. Ainda és um corpo cheio de sol. Eu nunca compreenderia a tua morte, a tua casa fechada, a tua boca fechada, o teu silêncio fechado. As esferas dos meus olhos têm uma máquina do mundo que gira em teu torno. Deixaste uma frase a meio. As tuas frases sempre me pareceram com crianças que tivessem testas de ferro e batessem continuamente com a cabeça nas paredes. As tuas frases magoavam-se, por isso ficavam a meio. Passaste-me as mãos pelo cabelo com apurada sentimentalidade. Foi aí que soube que tu existirias para sempre.

SINOS

Ouvir,

Como se os primeiros pirilampos da manhã me viessem acordar, quando abriste a mão. Como se esses pequeninos metais tentassem suprir a noite, quando a fechaste.

Há átomos que respiram por nós — quando vamos morrendo dia a dia — e sinos dentro do nosso corpo.

Trago-te os meus ouvidos em vez de lábios para morder. Trago-te a minha simplicidade, os meus bolsos cheios de estrelas tuas e esta grande vontade de sonhar, como tu.

HORTELÃ

Ela tinha o cheiro das hortelãs ao sol e cabelos tão bem penteados que pareciam quase não existirem. O vento cobria-a de tal forma, que ela parecia poder voar ali mesmo, à frente de todos, senão fossem os seus cinquenta quilos. Ao falar-lhe víamos que os argumentos daquela menina não tinham qualquer lógica, só açúcar. Mas, era impossível resistir-lhe ao encanto, mesmo que dissesse só baboseiras. Até que um dia arrancou o próprio coração com as mãos e deixou-o a dormir num ninho de cegonhas. E nisto, o coração iluminou-se tanto que incendiou.

MATE

Porque nem sempre é o inverno que te deixa as trevas nas mãos, tento compreender-te. Assimilar o que tem a tua ausência para que o meu corpo se contorça e se deixe dormir em horas mortas. Talvez só possas ser compensado no meu vazio, onde pode caber todo o mar que arrastas e toda a tua solidão de dedos magros. De noite sufoco os meus medos na boca. E no entanto, não nos amamos, nem um pouco. Os dias acordam como paredes de cal e portas fechadas. Nelas só atravessam as crianças que às vezes somos. Num desses dias fizemos amor — duas crianças com corpo de sol envoltas no escuro —, e dormimos abraçados como se fossemos o boneco um do outro. O teu cabelo dourado fazia uma rodela de luz à nossa volta. Vendo de longe, éramos dois peixes luminosos dentro de um aquário. De muito longe. Foi então que na nossa pele se esconderam as primeiras feridas. As feridas do amor que não temos para dar. Ou é silente. Já não tenho essa perfeição que a infância concede, de saber dizer amor como se carregasse um rio transparente na garganta. A minha voz é uma velha cansada, sentada numa cadeira de baloiço, a pentear os seus cabelos prateados, a tossir compulsivamente, que já não sabe o que o amor é. Ou não. Talvez seja neve. Amoras azuis. Ou a tua emudeceu a minha. E no entanto, não nos amamos, nem um pouco. A névoa é demasiada para que possa encontrar o teu coração de árvore melancólica ou o teu afecto anunciado na humidade do vento. A névoa é demasiada. É demasiada. O meu rosto sépia adormeceu.

THE STARS ARE VERY FAR NOW AND YOU ARE VERY FAR NOW

Fumei pelas ruas com as pontas dos dedos queimados. Quem me visse com sabrinhas vermelhas e a fumar não me reconheceria. Alguém passou. «A sua alma ainda é do tempo em que esta rua era duas ruas?». Passou. As minhas pernas sugeriam um compasso ligeiro. Destoante. «A minha alma não é do tempo». Devia ser das sabrinhas. Uma putrescência mole tomou-me de assalto. Sentei-me num dos bancos verdes, os meus pés não tocavam no chão. Baloçavam-se. Duas folhas de papel. As sabrinhas descaíram até à ponta dos pés. As meias escorregaram. A minha pele em evidência. Do joelho para baixo, as minhas pernas aparentavam-se com duas línguas espessas. Lambiam o vento. Era doce. Sentada no banco, eu quis ser a tua fotografia. Sentada no banco, meio-dia. Foi dia, noite, madrugada nesse meio do dia. Comeste-me o tempo. Por instantes fui uma fotografia. Um coração revelado numa câmara escura. A tua distância, uma lâmpada vermelha. Os meus dentes rangiam como máquinas de triturar. E nisto, levantei-me, milimetricamente. Abri a boca e saiu de lá um poema. Um poema teu que foi um beijo na testa. A minha testa de ouro e neve de ouro e neve de ouro e neve. Sempre aprendi que os poemas são cancros luminosos, alastram-se pelo corpo. Um poema teu e o meu corpo é poema.

As árvores começaram a crescer, a crescer, de tal forma que já não podia ver se continuavam a crescer ou se não. Afinal, era só mais um dos meus nervos quebrados. Esta minha grande capacidade de morrer com as árvores. As minhas mãos com buracos. E nisto, tinha acabado de me levantar. Como disse. As minhas pernas voltaram a ser pernas. Segui. «Nunca ninguém te ensinou a andar». Voltei a cara e ninguém. As paredes do estômago cheias do fumo. O estômago dorido desta fome de astros em cada pedaço de ti.